

# Somália: Soldados em Operações de Estabilidade e Apoio

Robert C. Blackstone

**U**LTIMAMENTE, muito tem sido escrito a respeito das complicadas missões militares americanas no Iraque e no Afeganistão. Em um momento eles estão lutando contra insurretos e no seguinte poderão estar negociando com líderes religiosos locais. Constantemente ouvimos dizer que “Cada soldado é um diplomata”. Esta é a natureza das operações de estabilidade e apoio. O que a história tem a nos ensinar sobre as operações de estabilidade e apoio e sobre a habilidade dos soldados de serem bem-sucedidos nessas complicadas operações?

Durante mais de 200 anos, as Forças Armadas Americanas têm empreendido operações que hoje denominamos operações de estabilidade e apoio, porém a intervenção realizada na Somália, entre 1992 e 1994, talvez tenha sido a mais instrutiva. Os soldados na Somália alternavam, com rapidez, missões de paz com missões de combate. Por essa razão, a experiência americana na Somália constitui um terreno fértil para explorar a reação dos soldados na ampla área das operações de estabilidade e apoio. Além disso, a cultura da Somália não é unicamente islâmica. É também baseada em clãs, de modo que os atuais soldados podem se beneficiar da experiência deixada por seus antecessores (em alguns casos eles mesmos).

Uma análise da experiência americana na Somália mostra três lições relacionadas entre si, a serem estudadas pelos soldados e fuzileiros navais de hoje. Primeiro, cabe ressaltar que as operações de estabilidade e apoio consistem em uma missão político-militar para todos os escalões envolvidos. O coração e a mente do somali passaram a ser o centro de gravidade em operações dedicadas à segurança em um terreno dominado pela força política

de um clã de senhores da guerra. Conquistar o coração e a mente dos somalis exige uma perspicácia ou agilidade política, além de conhecimento militar sobre todos os escalões envolvidos na guerra.

Em segundo lugar, o sucesso das operações de estabilidade e apoio consiste em atingir o ponto de equilíbrio, entre o etos do guerreiro e a formação de relacionamentos amistosos. Os soldados devem conquistar a confiança e o respeito da população, pois corações e mentes são essenciais para o cumprimento da missão. Os soldados correm o risco de perder a confiança e o respeito, caso adotem uma visão única, direcionada para o combate e ignorando os papéis políticos. Ainda que os soldados utilizem toda a sua capacidade ofensiva convencional, as operações de estabilidade e apoio podem ser muito perigosas. Em situação de ameaça e em ambiente incerto, manter o equilíbrio entre a ação militar e a tarefa política torna-se difícil e crítico.

Em terceiro lugar, os soldados bem comandados nas operações de estabilidade e apoio podem ser bem-sucedidos sem rebaixar a sua capacidade de combate convencional. De fato, somente *soldados* podem realizar operações de estabilidade e apoio bem-sucedidas, pois apenas eles são capazes de propiciar a segurança de que a população necessita. O êxito depende, fundamentalmente, da maneira como os soldados mantêm o equilíbrio entre a segurança da missão e a tarefa política. Nesse sentido qualquer soldado pode se tornar um tomador de decisão estratégica.

## Intervenção Humanitária

Em março de 1993, as Nações Unidas iniciaram sua segunda operação na Somália (*UNOSOM II*), após os

Estados- Unidos terem realizado uma intervenção bem-sucedida com a Força-Tarefa Unificada (*UNITAF*). As Nações Unidas rapidamente estabeleceram, com clareza, a missão a ser cumprida naquela operação: “Adotar a ação apropriada, incluindo medidas de força para estabelecer um ambiente seguro em toda a Somália e assim ter condições para realizar a assistência humanitária”.<sup>1</sup>

Em uma visão superficial, aquela missão parecia ser estritamente humanitária: aquela não era uma guerra e as ações não deveriam preocupar os políticos da Somália. Porém, a assistência humanitária também exige intervenção política. Walter Clarke, ex-diretor do Gabinete de Oficiais de Ligação dos Estados- Unidos em Mogadíchio,

*... as operações de estabilidade e apoio consistem em uma missão político-militar para todos os escalões envolvidos. O coração e a mente do somali passaram a ser o centro de gravidade em operações dedicadas à segurança em um terreno dominado pela força política de um clã de senhores da guerra. Conquistar o coração e a mente dos somalis exige uma perspicácia ou agilidade política, além de conhecimento militar sobre todos os escalões envolvidos na guerra.*

e Jeffrey Herbo, Professor de Princeton, claramente explicaram o seguinte: “Aqueles que defendem exclusivamente uma intervenção humanitária — na Somália ou em qualquer outro lugar — defendem que... a fome em massa é... um ato da natureza. De fato, a extrema escassez de alimentos ocorrida na Somália em 1992 resultou, fundamentalmente, da evolução da política econômica do país”.<sup>2</sup>

A agressividade dos clãs dos senhores da guerra monopolizava o poder político controlando a distribuição de alimentos, e para isso coagiam seus seguidores, ora fornecendo ora negando os alimentos. Proteger os suprimentos humanitários significava menosprezar o poder político dos senhores da guerra. A intervenção, para ser bem-sucedida, deveria ser política e humanitária. A partir de dezembro de 1992, os líderes da FT Unificada começaram a discutir com os poderosos senhores da guerra.<sup>3</sup> As Nações Unidas também reconheceram que um acordo político deveria preceder a imposição da paz em grande escala. Na conferência realizada em Addis Ababa, em março de 1993, os líderes da FT Unificada finalmente convenceram 15 líderes dos clãs dos senhores da guerra da Somália a apoiarem, política e economicamente, a reabilitação daquele país.

Os generais e diplomatas não foram os únicos envolvidos nas questões políticas; a missão da Somália também

foi política no nível tático. Depois de chegarem à Somália, os líderes da FT Unificada estabeleceram quatro “NÃOs”: não às armas coletivas adaptadas nas viaturas, não ao roubo, não às armas visíveis e não ao bloqueio de estradas.<sup>4</sup> Entretanto, a imposição do desarmamento desafiou os clãs, limitando seus meios de controle político. Além disso, os senhores da guerra interpretavam qualquer tentativa de conquistar o coração e a mente da população como uma ameaça às suas influências.

Os soldados da Força-Tarefa somente poderiam ganhar a confiança da população com a derrota dos senhores da guerra. Mais do que nunca, as forças da coalizão tinham de conquistar a população ou correr o risco de perder a segurança. O Comandante da Companhia C, do 1º Batalhão, do 22º Regimento de Infantaria, Capitão Patrick McGowan, ressaltou posteriormente que a sua unidade na Somália desempenhou uma dupla missão: “Nossos soldados de infantaria de combate... enfrentaram a exigência de impor medidas de segurança, ao mesmo tempo em que tentavam convencer a população da Somália de nossas boas intenções.”<sup>5</sup> No começo os soldados agiam com esta dupla missão em mente. Em um incidente, a equipe Alpha das Forças Especiais dos EUA, acompanhada de um esquadrão de reconhecimento canadense encontrou um grupo de somalis feridos em um confronto anterior. Os soldados recolheram e levaram os feridos para o hospital mais próximo. Esse fato, “ajudou os somalis a confiarem nesses 23 integrantes da Operação *Restore Hope*.”<sup>6</sup> A provisão de medicamentos e a remuneração do trabalho aos somalis ajudaram os soldados americanos a controlarem as tentativas de movimentos de guerrilha, revolta, resistência, ou qualquer falso argumento de danos aos direitos dos somalis à sua terra.<sup>7</sup>

Uma razão para a conquista de corações e mentes foi, sem dúvida, a coleta da inteligência humana (*HUMINT*). Em Baidoa, os sargentos Brendon Thompsom e Wayne Douglas do Exército Australiano operaram em conjunto com o pessoal de contra-inteligência norte-americana, com o propósito de determinar as atitudes dos somalis em relação ao contingente australiano e de buscar informações em locais perigosos. Rapidamente, as equipes de contra-inteligência, “foram capazes de identificar a natureza do movimento armado em Baidoa com a ajuda de fontes americanas e dos somalis locais. Essa união das equipes provou ser de extrema utilidade quando os australianos passaram a fazer a segurança da cidade.”<sup>8</sup>

As tropas devem agir imparcialmente, tanto de forma pacífica como agressiva, evitando qualquer tipo de atitude que possa ofender algum líder local ou outra pessoa. O General Lawson Magruder III, Oficial de Operações da 10ª Divisão de Montanha do Exército Americano e Comandante da Força-Tarefa Combinada *Kismayo*, declarou que: “Embora muitos dos membros dos clãs senhores da guerra não estivessem satisfeitos



Departamento de Defesa

*Tropas da 10ª Divisão de Montanha dos EUA procuram armas na aldeia de Afgooye, Somália. (janeiro de 1993)*

com a forma que os americanos reprimiam seus roubos e demais ilegalidades, eles pelo menos respeitavam o fato de os americanos não tomarem partido.<sup>9</sup> Evitar o favorecimento foi tão importante para Magruder que, em determinado momento, ordenou um ataque de helicópteros contra um líder somali que havia cursado a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos Estados- Unidos.

As forças militares também deviam demonstrar que não estavam usurpando o poder das autoridades locais, a tal ponto que soldados da coalizão trabalharam diretamente com as autoridades locais para ampliar os canais de comunicações, chegando, em alguns casos, a processar criminosos. Quando o Setor de Apoio Humanitário chegou a Baidoa, o 1º Batalhão do Regimento Real Australiano (*Royal Australian Regiment 1 RAR*) criou uma equipe de operações civil-militares, que mantinha encontros regulares com a mais alta autoridade do local, tendo participado de vários comitês locais.<sup>10</sup> Tal fato serviu para garantir que os somalis cooperassem diretamente com a FT Unificada e não contra as forças de coalizão.

Trabalhar com a autoridade local significa aceitar suas leis locais. No setor de Ajuda Comunitária em Oddur, os soldados franceses capturaram um bandido importante apelidado de “o Minhoca”. O capturado foi prontamente entregue ao conselho local de anciãos para que fosse rapidamente julgado e sentenciado. Quando o criminoso

protestou contra a sentença, o conselho local de anciãos reuniu-se outra vez para atender a seu apelo. O resultado? “O conselho local de anciãos proferiu nova sentença. A primeira punição fora muito branda e “o Minhoca” deveria ser executado! Os guardas imediatamente arrastaram-no para fora, ouviu-se o ruído de um tiro e este foi o fim do Minhoca.”<sup>11</sup> Embora a justiça na Somália se contraponha à sensibilidade do Ocidente, ignorar o conselho de anciãos não seria nunca desejável e a política das forças de coalizão deveria mostrar sempre confiança no sistema da Somália.

O patrulhamento ocasionou o contato e a interação mais direta dos soldados com a população, tendo sido decisivo para a segurança e a obtenção da confiança e do afeto dos somalis. Os australianos utilizaram o patrulhamento “colocado constantemente para eliminar qualquer ameaça e assegurar o apoio da maioria da população.”<sup>12</sup> Para atingir esses objetivos, os batalhões enviavam patrulhas em intervalos irregulares, mantendo os bandidos sem saber qual seria o momento exato de sua ação. Em determinadas ocasiões os soldados de patrulha viviam no meio dos somalis. De acordo com o Major John Simeoni, Comandante da Força-Tarefa Pioneira do Exército Australiano, “Se uma patrulha precisasse descansar, ela deveria ocupar, de maneira normalmente pré-planejada, um prédio ou um conjunto habitacional e passar a noite com os habitantes locais.”<sup>13</sup>

Quando defrontados pelos bandidos, os australianos empregavam a força. Ao invés de alienar a população, o confronto violento contra os vilões conhecidos melhorou o relacionamento entre o Regimento Australiano Real e os habitantes de Baidoa. Embora os soldados tenham ferido e matado muitos somalis, também mataram “criminosos e assassinos, melhorando ainda mais o conceito do batalhão perante a população.”<sup>14</sup> Os australianos souberam conciliar o patrulhamento agressivo com esforços pacíficos para ganhar o respeito da população.

Mesmo assim os senhores da guerra ainda conseguiam instigar o conflito. Em maio de 1993, a 1ª Brigada da 10ª Divisão de Montanha assumiu a missão como uma Força de Reação Rápida para a UNOSOM II.<sup>15</sup> Logo

*Embora os soldados tenham ferido e matado muitos somalis, também mataram “criminosos e assassinos, melhorando ainda mais o conceito do batalhão perante a população.” Os australianos souberam conciliar o patrulhamento agressivo com esforços pacíficos para ganhar o respeito da população.*

após sua chegada, a Força de Reação Rápida foi enviada para Kismayo, no Sul da Somália, para conter uma atividade agressiva de um clã contra as tropas da Bélgica. A cidade foi tomada, o Batalhão de Infantaria da Força de Reação Rápida começou a investigar as “atividades de milícias/foras da lei” na redondeza da cidade. Durante a investigação, um grupo de combate descobriu um campo de treinamento de milícia, e desse confronto, a Força de Reação Rápida capturou 18 líderes e militantes da milícia.<sup>16</sup> Ao estabelecerem uma zona segura para as tropas belgas, aqueles soldados confrontaram diretamente um clã da milícia dos senhores da guerra. Embora o grupo de combate tenha realizado uma operação militar convencional tática, esse foi efetivamente um ato político.

Outras tarefas envolveram conflitos com a cultura somali. Considerando os padrões do Ocidente, o homem somali desrespeita brutalmente a mulher. De acordo com Simeoni, “Esse fato ocasionou diversos confrontos entre soldados australianos e os homens somalis que, na concepção dos primeiros, precisam ser educados para tratar de modo apropriado suas mulheres”.<sup>17</sup> Os soldados repetidamente assistiram cenas de agressão contra crianças e tomaram conhecimento de atos de circuncisão de mulheres. Houve momentos em que os australianos tentaram impedir tais atos, mas o Maj Simeoni, posteriormente, declararia que os mantenedores da paz “não estavam ali para instituir valores ocidentais.” De fato, quando as Nações Unidas tentaram implantar esses valores, ocorreram atos de

ressentimento. O Coronel Mark Van Drie, da Força de Reação Rápida dos Estados Unidos, observou que a decisão das Nações Unidas de implantar o voto feminino e preencher metade das vagas do governo com mulheres “iria, sem dúvida, aumentar a resistência e o ressentimento”.<sup>18</sup>

Em geral, as forças de coalizão negociaram as operações militares e políticas de modo eficaz. Porém, do evento ocorrido no dia 5 de junho de 1993 surgiu um desafio particular que os levou a subestimar o aspecto político da missão. As forças de Mohammed Farah Aidedd da Aliança Nacional Somali inesperadamente atacaram as tropas do Paquistão enquanto inspecionavam um depósito de armas em Mogadíscio. Em uma outra área da cidade, as forças da Aliança Nacional Somali atacaram um centro de distribuição de alimentos sob a responsabilidade dos soldados paquistaneses. Os ataques simultâneos mataram 24 paquistaneses e feriram 44 outros. A mutilação, com a retirada dos órgãos dos corpos dos soldados pelos elementos da Aliança Nacional Somali foi horripilante.<sup>19</sup> Muitos consideraram o ataque uma emboscada premeditada. Segundo o Sargento da Brigada do Exército Americano e o Oficial de Ligação paquistanês Mark Olin, as atrocidades “surpreenderam a todos. O clã de Aidedd basicamente declarou guerra às Nações Unidas”.<sup>20</sup>

As Nações Unidas reagiram rapidamente aprovando a Resolução 837 do Conselho de Segurança e adotando uma postura mais agressiva contra Aidedd. Em Mogadíscio, muitos soldados adotaram uma postura de combate tática e psicológica. O comandante da Companhia da Força de Reação Rápida, Mark Suich disse: “Eu esclareci para minha Companhia que definitivamente não se tratava de uma operação de distribuição de alimentos... e em minha opinião iria ser uma luta armada em todos os sentidos”.<sup>21</sup> O Sargento Richard Roberts foi ainda mais franco na sua colocação: “Nós todos ficaríamos muito felizes pregando Aidedd em uma árvore.” Muitos soldados americanos definiram a missão desta forma, por serem integrantes de uma Força de Ação Rápida, uma unidade que raramente é designada para executar assistência humanitária. Apesar disso, deve-se observar os perigos de redefinir uma missão após sofrer um ataque. Se permitirmos que os sentimentos agressivos predominem em uma operação de estabilidade e apoio, a reconciliação política — a outra metade da missão — é deixada de lado.

Após o dia 5 de junho de 1993, as operações refletiram uma postura ainda mais agressiva das forças da UNOSOM II. Em meados de junho, os Estados Unidos enviaram para a Somália um avião armado AC-130 Spectre, fato que levou os soldados a considerarem um passo rumo à “descoberta e captura de todo e qualquer local de armazenamento de armas ainda existente”.<sup>22</sup> Os depósitos de armazenamento de armas não eram os únicos



Departamento de Defesa

*O 1º Regimento Real Australiano durante o esforço multinacional de ajuda humanitária durante a Operação Restore Hope.*

alvos. Nos dias 16 e 17 de junho, as forças paquistanesa e marroquina, com oficiais de ligação e apoio aéreo americano, atacaram as vilas dos líderes principais da Aliança Nacional Somali e em agosto, o Secretário de Defesa americano, Les Aspin, enviou a Força-Tarefa *Ranger* para a Somália, com o objetivo de capturar e deter Aideed.<sup>23</sup>

Os Rangers definiram sua missão como — garantir a segurança das operações humanitárias — mas, além disso, eles acreditavam que “a captura de Aideed e o rompimento da infra-estrutura da Aliança Nacional Somali” eram os únicos meios que permitiria o sucesso da missão, o que não quer dizer que os líderes militares na Somália negligenciaram o aspecto político.<sup>24</sup> O General turco, Cevik Bir, Comandante da Força Multinacional das Nações Unidas, e o General americano Thomas Montgomery, Comandante das Forças Americanas na Somália e Subcomandante da *UNOSOM II*, continuaram a insistir que a reconciliação na Somália exigia o estabelecimento de relações políticas.<sup>25</sup> Porém muitos chefes militares e aqueles responsáveis pela política enfatizaram as operações da ofensiva militar e não as suas implicações políticas.

Uma exceção pode ser ilustrada com a importância da interação pessoal continuada com os somalis: “O Comandante da Força de Reação Rápida, Coronel James Campbell tinha, praticamente, liberdade de ação. Uma dessas

ações consistia em efetuar operações de cerco e busca, quando ele solicitaria ao seu intérprete que reunisse um grande grupo de pessoas para conversar com eles. Olin estava encarregado de prover segurança nessas ocasiões e Campbell tinha o hábito de ficar em pé em áreas abertas, permitindo que somalis estranhos se aproximassem dele, fato que levou Olin à desesperação. Campbell adotou esta postura mesmo nas áreas de Habr Gadr (sub-clã de Aideed), onde, por incrível que pareça, ele foi muito bem recebido, com a exceção de quando um jovem de olhar agressivo passou por ele... A sua presença autoritária, aliada à sua maneira amistosa e cortês com os somalis, fez com que ele se tornasse uma pessoa de respeito, até mesmo em áreas onde as Forças Americanas e das Nações Unidas não eram normalmente bem-vindas.

Em retrospecto, a atuação de Campbell foi fundamental nas operações de estabilidade e apoio. Ele reconheceu que a captura de Aideed ou de seus tenentes era apenas uma parte da tarefa de segurança à ajuda humanitária em Mogadíscio, a outra parte foi política e de conquista da confiança e credibilidade dos somalis. Foi necessária a combinação do combate com a conversação pacífica para o sucesso da missão, tanto em terreno hostil como em terreno amistoso.<sup>26</sup>

Tudo isso demonstra uma lição importante: durante as operações de estabilidade e apoio, as pessoas se constituíam no centro de gravidade. As forças armadas

estariam negligenciando uma parte de sua missão se deixassem de interagir com os somalis para ganhar respeito e conquistar corações e mentes. Os soldados, mesmo assim, irão se deparar com emboscadas e rebeliões hostis inesperadas. O seu êxito depende de sua resposta; eles devem enfrentar o combate como homens de infantaria e diplomatas, movimentando-se rápida e discretamente entre os dois papéis.

## O Combate, o Etos do Guerreiro e as Operações de Estabilidade e Apoio

Fazer do soldado um diplomata é mais fácil de dizer do que fazer. Segundo a opinião de Olin sobre as operações da Somália: “Levar para o combate soldados de uma força ofensiva e, posteriormente, transformá-los em políticos não é nada fácil.”<sup>27</sup> Por quê? Porque os homens de infantaria são ensinados, desde seus primeiros dias de adestramento, a atacar e não a confortar. Mudar o etos do guerreiro, instilado em cada soldado americano, é uma tarefa difícil e perigosa. O etos é geralmente entendido

*Operações de estabilidade e apoio não são uma missão que deixa a política apenas para os diplomatas e oficiais gerais. Aqueles presentes no terreno também devem entender a situação política e serem capazes de controlar a tática e os sentimentos de suas companhias, pelotões, grupos de combate e seções de apoio de fogo.*

como um código de conduta profissional que adota a preparação para cercar e destruir o inimigo em combate, nunca deixando um companheiro para trás. Muitos defendem que este “etos beligerante” deixa os soldados menos preparados para missões que não envolvem o combate e, quando designados para estas missões podem considerar como uma degradação do etos colocando em risco a segurança do soldado. A análise da veracidade desses argumentos exigiria uma outra avaliação da experiência dos soldados na Somália.

Na profissão militar, os soldados treinam por anos a arte que, com frequência, irão praticar. Em geral, quando têm a oportunidade de lutar estão ansiosos para testarem o seu aprendizado. Um tenente-coronel recentemente disse que: “O lado guerreiro, aquele cultivado por muitos anos por meio de esforço mental e físico, estudo e treinamento, ama o desafio do combate.”<sup>28</sup> Um sargento do estado-maior americano manifestou um desejo semelhante de “testar seus anos de adestramento.”<sup>29</sup> Os soldados australianos apresentaram o mesmo espírito. Segundo

Bob Breen, oficial australiano da reserva e escritor, que acompanhou o 1º Regimento Australiano Real na Somália, os *diggers* (soldado australiano ou neozelandês assim apelidado durante a 2ª GM) estavam muito ansiosos para testarem a si mesmos em combate”. Muitos expressaram grande excitação [quando escutaram] que Baidoa abriu fogo.”<sup>30</sup>

Apesar do ambiente desorientador e do medo, estes soldados profissionais se desempenham extremamente bem quando engajados em combate intenso, comprometendo-se com seus companheiros e exercendo liderança sobre a unidade menor. O sucesso, amplamente divulgado, dos *Rangers* e dos soldados da Força de Reação Rápida nos dias 3 e 4 de outubro de 1993, provam a capacidade dos soldados americanos diante do combate de alta intensidade. Porém, a aptidão para o combate foi também de grande utilidade nos combates de baixa intensidade. Foi vital para os soldados criarem uma relação pacífica com as comunidades somalis. Eles, como membros de forças militares, eram, acima de tudo, incumbidos de proteger os somalis dos bandidos e dos senhores da guerra.

Simeoni descreveu a dupla característica das operações de estabilidade e apoio: “Embora respeitássemos as pessoas da Somália e fôssemos amistosos com eles, especialmente com as crianças, que eram sempre motivos de diversão, eles tinham uma expectativa; eles sabiam que éramos profissionais militares e que estávamos prontos para utilizar a força caso fosse necessário. Este é o poderoso instrumento nas operações de estabilidade e apoio. Somos profissionais e não seríamos pegos desprevenidos.”<sup>31</sup> O fato de estarmos sempre aprestados para o combate gerou um ambiente de segurança e uniu os soldados com a população — componente crítico de uma missão político-militar.

Os soldados da Força-Tarefa Unificada aprenderam logo que deviam manter-se alertas e prontos para o combate. Timothy Carter, veterano da guerra do Golfo Pérsico, disse a um repórter: “Estive mais exposto ao perigo aqui do que nos meus 11 meses na Arábia Saudita.”<sup>32</sup> Acreditava-se que a Somália estivesse basicamente pacificada quando a *UNISOM II* começou. O Tenente-Coronel Thomaz Dazé disse que: “Mogadíscio era um local relativamente pacificado. Soldados circulavam sozinhos nos veículos, independente da polícia oficial.”<sup>33</sup> A situação era tão calma que Olin fez o seguinte comentário: dias antes do evento de 5 de junho soldados comiam tranqüilamente em um mercado aberto. Em retrospectão, o resultado era esperado: “Nós fomos iludidos, no dia 5 de junho, por uma aparente segurança.”<sup>34</sup>

Alguns soldados, principalmente da Força de Reação Rápida, definiram a situação como puramente de combate. Em outubro, quando o Major Thomaz Lafleur chegou com a tropa americana de reforço, ele estava



Departamento de Defesa

*O Embaixador Oakley e o General Arnold dedicam a ponte localizada na estrada principal entre as cidades de Kismayo e Jilib à memória de Sean Devereaux, funcionário da UNICEF morto em uma operação de distribuição de alimentos ao povo do Afeganistão. (Janeiro de 1992)*

preparado para combater. Quando questionado sobre o pensamento da sua tropa naquele momento, ele respondeu francamente que “era de combate. Estávamos preparados para encontrar, fixar e eliminar qualquer força que ameaçasse a Força das Nações Unidas”.<sup>35</sup> A agressividade foi aceita naturalmente por aqueles que foram deslocados após 5 de junho de 1993. Apesar disso, a missão da *UNOSOM II* exigia mais do que segurança militar: os soldados tinham que controlar sua agressividade para manter os sentimentos de amizade entre a população somali.

Argumentar que as forças militares devem manter um equilíbrio entre a agressividade e a amizade é bom e necessário, porém quem deve monitorar este equilíbrio? A resposta se encontra na natureza de uma operação de estabilidade e apoio, como política e militar em todos os níveis. Oficiais subalternos e sargentos devem controlar o ritmo das operações, mantendo sua tropa sob controle e conduzindo-a calma e energeticamente para o combate, com a compostura e a tranquilidade dos momentos de paz. Simeoni “identifica esta como sua principal tarefa, freando o entusiasmo sem fim dos... subordinados para descobrir os problemas.”<sup>36</sup> A tarefa não é fácil considerando que os oficiais subalternos e os sargentos também querem lutar. Mas, operações de estabilidade e apoio não são uma missão que deixa a política apenas para

os diplomatas e oficiais gerais. Aqueles presentes no terreno também devem entender a situação política e serem capazes de controlar a tática e os sentimentos de suas companhias, pelotões, grupos de combate e seções de apoio de fogo.

## **O Verdadeiro Soldado Participa de Operações de Estabilidade e Apoio**

O General S.L. Arnold, Comandante das Unidades do Exército dos EUA na Somália, declarou com convicção, que os soldados combatentes podem se desempenhar de modo adequado em ambientes de baixa e média intensidade. “Soldados bem treinados, prontos para o combate e disciplinados, podem facilmente se adaptar às missões de manutenção ou restabelecimento da paz. Treine-os para a guerra e eles adaptar-se-ão, rápida e facilmente a situações do tipo da Somália.”<sup>37</sup> Porém, a situação da Somália não foi tão simples assim: os soldados em todos os níveis e em todas as unidades tinham que negociar uma missão político-militar, sem serem muito condescendentes ou muito agressivos. Apesar dessas dificuldades, o que a experiência da Somália revelou sobre a habilidade dos soldados em operações de estabilidade e apoio?

A Somália nos ensina que soldados treinados para o combate podem executar, com sucesso, uma missão como



Departamento de Defesa

*Chegada do Secretário-Geral das Nações Unidas, Boutros Boutros-Ghali ao aeroporto de Mogadíscio, Somália. (Janeiro de 1993)*

operações de estabilidade e apoio. De fato, o uso criterioso da força foi crítico para obter a confiança e o respeito na Somália. A prontidão para o combate e a amizade caminhou lado a lado. E este tipo de equilíbrio não é alcançado rápido e facilmente, entretanto, duas pré-condições são necessárias. Primeiro, o soldado deve saber identificar a necessidade de assistência. Somente após testemunhar “crianças... totalmente na miséria” que o Sargento do Exército americano, Stan Hayes verdadeiramente acreditou na grandeza de sua missão.<sup>38</sup> Segundo, e mais importante, os soldados devem entender a natureza política e militar da missão e reconhecer que corações e mentes são o centro de gravidade. Oficiais subalternos e sargentos são essenciais para o sucesso da missão. Eles devem liderar suas tropas para o combate e contê-las quando a situação requerer prudência. Os australianos mencionavam repetidamente “cabo estratégico”. Em operações de estabilidade e apoio, tal imagem é emblemática.

Os comandantes superiores não ficam sem uma função. Ao contrário, os estrategistas devem entender profundamente as dimensões das operações de estabilidade e apoio, antes de empenhar suas forças, e a partir daí, preparar os comandantes subordinados para a política local. O comandante operacional deve se assegurar que a agressividade tática não prejudique a política estratégica, avaliando cuidadosamente as missões que eles aprovam, e controlando o entusiasmo exagerado dos subordinados.

Os estrategistas devem ainda entender que a missão das operações de estabilidade e apoio é demorada, considerando a necessidade de tempo e persistência para ganharem corações e mentes. A Somália enganou a muitos, levando-os a acreditar que as forças militares podiam prover segurança aos comboios nas estradas, distribuir alimentos e retornar para seus países de origem, porém a missão foi muito mais complexa do que o planejado. Para realmente garantir que a Somália estivesse protegida contra os perigos, as forças precisariam permanecer lá indefinidamente.

Considerando-se que as operações de estabilidade e apoio bem-sucedidas são de longa duração surge outra questão: Essas missões podem aviltar a capacidade convencional das unidades? A resposta é enfaticamente “não”. Primeiro, porque as unidades podem se revezar nas atividades, permitindo que algumas se adestem quando em combate e melhorem seus conhecimentos enquanto outras estão engajadas em operações de baixa intensidade. Ambas as unidades americanas e australianas usaram o sistema de rodízio, permitindo esse tipo de adestramento. Segundo, a natureza da missão, que exige prontidão para o combate, significa que os soldados devem permanecer alertos e preparados para lutar. Na Somália, as unidades executaram tarefas de combate, tais como patrulhamento com conseqüências reais.

Apenas argumentos simplificados demais sobre os

guerreiros pressupõem que os soldados são incapazes de qualquer outra atividade que não seja o combate na guerra. Este não é o caso. As ações de um soldado jovem são também instrutivas. Em 1993, durante uma operação de encordoamento e cerco, um soldado, um jovem forte de Massachussets, apelidado de Alce de Mogadíscio, entrou atacando precipitadamente um prédio ocupado. Ele não foi recebido a tiros, mas encontrou um bebê, com menos de um ano de idade, enrolado em um cobertor. O “Alce” colocou seu rifle nas costas e saiu imediatamente com o bebê para um lugar seguro. Será que ele comprometeu seu etos de guerreiro? Provavelmente não. O Alce regressou rapidamente para sua busca agressiva.<sup>39</sup>

Tudo isso mostra uma lição importante: os soldados adestrados para o combate podem ser bem-sucedidos em uma operação de estabilidade e apoio, sempre que forem

evitados os efeitos psicológicos e táticos em cascata que ocorrem depois de ataques consecutivos dos insurretos. Eles devem ser adestrados para responder com a força militar e com a sutileza política. Os soldados são os únicos equipados para vencer neste ambiente. Seu etos de guerreiro, ajustado adequadamente, pode ajudá-lo na execução de uma operação de estabilidade e apoio, convencendo a população de seu entusiasmo para providenciar a segurança. Canalizar o etos de guerreiro é responsabilidade dos líderes de pequenas unidades bem como os dos escalões superiores. Embora esta seja uma tarefa imensamente difícil — talvez a lição mais óbvia da Somália — é possível de ser realizada. Quando as forças militares entrarem em novos combates, contra inimigos dentro de estados desorganizados, haverá um misto de confiança e cautela a partir das experiências vividas pelos soldados da coalizão na Somália em 1993. **MR**

### Referências

1. O Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas, “Somália—UNOSOM II,” página cibernética das NU [www.un.org/Depts/DPKO/Missions/unosom2b.htm](http://www.un.org/Depts/DPKO/Missions/unosom2b.htm), acesso em 28 de fevereiro de 2005.
2. Walter Clarke e Jeffrey Herbst, “Somalia and the Future of Humanitarian Intervention,” Centro de Estudos Internacionais, Série Monográfica 9, Princeton University, Nova Jersey, 1995, p. 5.
3. Embaixador Robert Oakley e General Anthony Zinni, entrevistas, *Frontline: Ambush in Mogadiscio*, página cibernética da estação de rádio PBS, [www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/ambush/interviews/](http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/ambush/interviews/), acesso em 28 de fevereiro de 2005.
4. Coronel Mark Van Drie, *Humanitarian Relief and Hunting Aided: My Time with the U.S. Army Quick Reaction Force in Somalia*, monografia de experiências pessoais, Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA, Carlisle, Pensilvânia, 20 de abril de 2000, p. 7.
5. Capitão Patrick D. McGowan, “Operations in Somalia: Changing the Light Infantry Training Focus,” *Infantry* (novembro-dezembro de 1993): pp. 23 e 24.
6. Capitão Ed Loomis, “Mission: Somalia,” *Soldiers* (maio de 1993): pp. 15-16.
7. Tenente William A. Kendrick, “Peacekeeping Operations in Somalia,” *Infantry* (maio-junho de 1995): p. 32.
8. Bob Breen, *A Little Bit of Hope: Australian Force—Somalia* (St. Leonards, Austrália: Allen y Unwin, 1998), pp. 85-87.
9. Van Drie, p. 8.
10. Major J.G. Caligari, “Lessons in Low-level Operations from Operation Solace,” *Combat Arms Journal*, 1 (1994): p. 14.
11. Van Drie, p. 16.
12. Major John Simeoni, resultados do questionário, Exército Australiano, e-mail para o autor, em 28 de outubro de 2003, p. 3.
13. *Ibid.*
14. *Ibid.*
15. A força de reação rápida (QRF), atualmente uma brigada (-), incluiu um batalhão de infantaria, elementos de apoio e um elemento de comando e controle (C2).
16. “9-20 May—Kismayo,” Notas do relatório pós-ação da força de reação rápida, enviadas ao autor pelo Sargento (Res) Mark Onlin do Exército dos EUA.
17. Simeoni, p. 3.
18. Van Drie, p. 26.
19. Richard W. Stewart, *The United States Army in Somalia, 1992-1994*, Publicação 70-81-1 do Centro de de História Militar do Exército dos EUA. (Washington, DC: Imprensa do Governo dos EUA., 2002), p. 16.
20. Olin, entrevista telefônica, 25 de setembro de 2003.
21. Sargento Elroy Garcia, “Hoping for the Best, Expecting the Worst,” *Soldiers* (fevereiro de 1994): p. 14.
22. Olin, entrevista telefônica.
23. Stewart, pp. 16-17.
24. Capitão Larry D. Perino, “‘The Battle of the Black Sea’ Monograph,” Curso Avançado para Oficiais de Infantaria, Biblioteca da Escola de Infantaria do Exército dos EUA., Forte Benning, Georgia, p. 2.
25. Tenente-Coronel Thomas Dazé, e-mail para o autor, 12 fevereiro de 2004.
26. Van Drie, p. 47.
27. Olin, entrevista telefônica.
28. Tenente Mark W. Suich, e-mail para o autor, 8 outubro de 2003.
29. Especialista Ruth Spaller, “Rangers Return,” *Soldiers* (janeiro de 1994): p. 21.
30. Breen, pp. 70-74.
31. Simeoni, questionário p. 4.
32. Sargento Elroy Garcia, Soldado Alberto Betancourt e Soldado Sherwood Thomas Goodenough, “Danger Drive,” *Soldiers* (maio de 1993): p. 13.
33. Dazé, entrevista telefônica com o autor, 2 de outubro de 2003.
34. Olin, entrevista telefônica.
35. Major Thomas Laffleur, e-mail para o autor, 4 de outubro de 2003.
36. Simeoni, questionário, p. 6.
37. General S.L. Arnold, “Somalia: An Operation Other than War,” *Military Review* (dezembro de 1993): p. 35.
38. Garcia, “Where Anarchy Rules,” *Soldiers* (março de 1993): p.18.
39. Olin, entrevista telefônica.

*Robert C. Blackstone participou do programa Enterprise Intern do Laboratório de Guerra do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA em Quantico, Virginia, em 2003 e 2004. Possui os títulos de Bacharel pela Williams College e é candidato ao curso de Ph.D. em História Militar na University of Kansas. É também um Dissertation Fellow no Centro de História Militar do Exército dos EUA em Washington D.C.*